

Armação Baleeira de Itapocoroia na obra “Viagem á Província de Santa Catharina (1820)” do naturalista Auguste de Saint-Hilaire

Vinícius Bosignari¹, UFSC
Letícia Stiehler Machado², UDESC

Resumo

As armações baleeiras representaram uma importante atividade econômica para o Brasil em meados do século XVIII e início do século XIX. O presente artigo teve como objetivo analisar a condição político-administrativa-social da Armação Baleeira do Itapocoroia, situada no estado de Santa Catarina, a partir do relato do viajante Saint-Hilaire. Para tanto, utilizou-se como metodologia a análise do documento através de bibliografias sobre o tema e outras fontes do período. Por fim, pode-se perceber o caráter desbravador do pesquisador francês através da descrição geográfica do local. A partir disso, pode-se inferir que existiam três instâncias diferentes na organização da armação. São elas: a instância administrativa, a de caça e produção de derivados da baleia e a de moradia. Além disso, o trabalho desenvolvido por Saint-Hilaire é uma importante fonte para os estudos sobre a pesca da baleia no litoral catarinense, principalmente sobre a Armação de Itapocoroia.

Palavras-chave: Armação Baleeira; Itapocoroia; Santa Catarina; Saint-Hilaire.

Abstract

Whaling stations represented an important economic activity for Brazil in the mid-18th and early 19th centuries. This article aimed to analyze the political-administrative-social condition of Whaling stations Itapocoroia, located in the state of Santa Catarina, based on the account of the traveler Saint-Hilaire. For that, the source analysis was used as methodology through bibliographies on the theme and other sources of the period. Finally, one can perceive the pioneering character of the French researcher through the geographical description of the place. From this, it can be inferred that there were three different instances in the organization of the frame. They are: the administrative, whaling and production of whale products and housing. In addition, the work developed by Saint-Hilaire is an important source of studies on whaling on the coast of Santa Catarina, mainly in Itapocoroia.

Keywords: Whaling stations; Itapocoroia; Saint Catherine; Saint-Hilaire.

Introdução

As armações no Brasil Meridional foram empreendimentos coloniais cuja finalidade era pesca da baleia e o beneficiamento de seus derivados. A instalação das armações pode ser considerada como empreendimento que contribuiu para a ocupação e povoamento da região, promovendo atividades econômicas locais, compondo uma parte estruturante do projeto de iniciativas que atendiam a necessidade de geração de renda para a Coroa (SOUZA, 2016). Todavia, dentro de uma lógica de valorização da economia voltada a terra e de grandes

¹ Graduando do curso de História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente é estagiário em História no Centro de Estudos e Aperfeiçoamento Funcional (CEAF) - Setor do Memorial, vinculado ao Ministério Público de Santa Catarina (MPSC).

² Graduanda do curso de História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

gêneros de exportação, a caça das baleias atingiu pouca expressão na formação brasileira ao comparar com os ciclos do açúcar, do ouro e, posteriormente, do café (COMERLATO, 2011).

A pesca à baleia no Brasil constituiu um monopólio que o Estado concedia a grandes comerciantes, que buscavam lucros com a venda de azeite e barbatanas. Porém, era uma iniciativa particular, cabendo ao concessionário o estabelecimento, a instalação completa e a manutenção da armação sem qualquer custo a Coroa. A Coroa, em alguns anos, a partir do deferimento do contrato, não obtinha lucro com a pesca, mas ao findar do prazo, os bens estabelecidos na armação passariam a Coroa que as venderia para o próximo concessionário. (CABRAL, 1987).

A instalação desses núcleos baleeiros em solo catarinense ocorre simultaneamente ao aumento populacional na segunda metade do século XVIII, promovido pela vinda de casais de imigrantes madeirenses e açorianos (COMERLATO, 2011). Entretanto, é necessário lembrar que a mão de obra escrava sempre esteve presente nas armações em Santa Catarina. De acordo com Cabral (1987) a concessão da pesca da baleia em Santa Catarina se divide em dois grandes períodos. O primeiro referente à concessão de Tomé Gomes Moreira e o segundo referente à concessão Quintela. O primeiro monopólio durou de 1747 a 1764 e o segundo de 1765 a 1801. Em 1801 foram extintos os monopólios, devendo os bens das armações serem inventariados e colocados à venda ou entregue a quem quisesse empreender mediante o pagamento. Na falta de interessados a administração passava para as Juntas da Fazenda.

De acordo com Saint-Hilaire (1936) em Santa Catarina foram estabelecidas seis armações baleeiras distribuídas pelo litoral, são elas: Armação da Piedade ou “Armação Grande” no ano 1746, como chama o pesquisador; Armação da Lagoinha, fundada em 1772; Armação do Itapocorói, fundada entre 1777 ou 1778; Armação de Garopaba, fundada em 1795; Armação de Imbituba, em 1796 e por último a Armação da Ilha da Graça, São Francisco do Sul, ano de 1807.

Itapocorói, com origem tupi-guarani é o nome pelo qual é conhecida a baía localizada atualmente na cidade de Penha, Santa Catarina. A fundação dessa armação localizada no litoral catarinense, ao norte do rio Itajaí está intimamente ligada à ocupação castelhana da Ilha de Santa Catarina, que inclusive tinha controle sobre a Armação da Piedade, afirma Ellis (1973). Segundo Boiteux (1959, p. 182) a localidade pode ser também grafada como: “[...] Itapacorói, Itapacoroia, Itapacaroia, Itapacaroí, Itapacoroy, Itapucuroi.”³ Para Silva (1959):

³ Neste trabalho usou-se das diferentes grafias e não somente Itapacoroia como escreve Hilaire.

Itapocorói teve a sua época de intensa atividade, de um comércio fervilhante, com o florescimento da sua armação de baleias, onde centenas de operários brancos e outras tantas de escravos, trabalhavam, na estação própria, no beneficiamento dos cetáceos que eram apoiados, anualmente, em grande número, nas suas águas. Com a vergonhosa entrega da ilha de Santa Catarina aos espanhóis, em 1777, viram-se os armadores de baleias, das duas armações próximas à sede da capitania, na contingência de procurar lugares mais seguros para estabelecerem o seu rendoso negócio. A enseada de Itapocorói, pela sua segurança e comodidade, foi um dos escolhidos. (SILVA, 1959, p. 101).

“*Viagem à Província de Santa Catharina (1820)*” do naturalista Auguste de Saint-Hilaire, embora escrita em 1850, é uma das únicas e principais fontes históricas escritas sobre a Armação de Itapocorói em seu período de funcionamento. Por isso, esse artigo tem como objetivo analisar a condição político-administrativa-social da Armação Baleeira do Itapocoroia a partir do relato de Saint-Hilaire.

Sobre o autor e a obra

“*Viagem à Província de Santa Catharina (1820)*” é um relato de viagem escrito por Auguste de Saint-Hilaire publicada em 1936 pela Companhia Editora Nacional no estado de São Paulo. A obra a ser analisada é em língua portuguesa, mas seu título original em francês é: “*Voyage dans la Province de Sainte-Catherine*” (Edição de 1851) e foi traduzida por Carlos da Costa Pereira, tendo 252 laudas. Ela faz parte da Coleção Brasileira da Bibliotheca Pedagogica Brasileira, Série 5^a, Vol. 58. A primeira publicação foi em 1850, trinta anos depois da viagem do autor por Santa Catarina.

Auguste de Saint-Hilaire era um viajante, escritor, naturalista e botânico francês. Ele nasceu em Orleans, 1779 e faleceu em 1853. Saint-Hilaire pertenceu a família de nobres e direcionou seus estudos à História Natural (LEAL, 2019, p. 43). De acordo com a edição analisada, ele era Membro da Academia de Ciências do Instituto de França. Professor da Faculdade de Ciências de Paris e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, e membro da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.

Após a chegada da família real ao Brasil em 1808, abriu-se a possibilidade de naturalistas europeus visitarem as terras da América Portuguesa e de conhecerem aspectos físicos, biológicos, etnográficos e socioeconômicos locais. Essas visitas tinham como objetivo sanar a curiosidade da elite política e econômica que vivia em torno de Dom João VI, além do interesse que os povos do Velho Continente tinham em relação ao além-mar (GONÇALVES; MALLOY, 2014, p. 103).

Saint-Hilaire chegou ao Rio de Janeiro em julho de 1816 como membro da Embaixada da França e percorreu um vasto território compreendendo as regiões sudeste e sul do Brasil, além do território do atual estado de Goiás. Sua especialidade era a Botânica, mas possuía um amplo conhecimento das Ciências Naturais. Durante a viagem coletou, classificou e organizou coleções de plantas, animais e minerais, que serviram de estudo para pesquisadores europeus e Museus Naturais (NEVES; MARTINS; RADTKE, 2007, p. 1).

A viagem que Saint-Hilaire escreveu o relato a ser estudado era referente a um grande percurso pelas Províncias do Sul iniciada em 1820. Segundo Neves, Martins e Radtke (2007, p. 2) ele desembarcou em São Francisco do Sul e seguiu até Desterro, costeando o litoral em direção ao sul. Percorreu o litoral até Porto Alegre, aonde chegou em junho, seguiu a Rio Grande também pelo litoral e dali prosseguiu rumo à Cisplatina. Visitou as Missões, desceu pelo Rio Jacuí, retornando a Porto Alegre, em junho de 1821, para dali regressar ao Rio de Janeiro de barco.

Saint-Hilaire é responsável por outras obras traduzidas para o português como: *“Viagem à comarca de Curitiba (1820)”*; *“Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)”*; *“Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais”*; *“Viagem à província de São Paulo”*. O viajante francês é visto como um modelo ideal do cientista do século XIX.

Saint-Hilaire (1936, p. 136), por ter visto e relatado a Armação do Itapocorói, atribui a sua escrita como verdadeira: “Descrevi minuciosamente a armação de Itapocoroia, tal como era em 1820 [...]”. De acordo com Nogueira (2005, *apud* PADOAN; 2015, p. 198):

Pela leitura de seus relatórios de viagem, vê-se o caráter do “homem-cientista” típico, da ciência que emerge firmando-se no cuidado das observações, na criteriosidade das análises e julgamentos, cristalizando-se como referência de dignidade pela busca da verdade pelo esclarecimento num campo de neutralidade. (NOGUEIRA, 2005, *apud* PADOAN, 2015, p. 198).

A Armação do Itapocoróia

A Armação de Itapocorói (1777-78), segundo Cabral (1987) foi fundada no período áureo de pesca do cetáceo. Ao viajar pelo litoral catarinense no ano de 1820, Auguste de Saint-Hilaire passa pela Enseada do Itapocoroia e descreve a organização política, social e administrativa da Armação Baleeira estabelecida na localidade. Primeiramente o viajante situa geograficamente a Armação. “No fundo da enseada, situadas a menor distancia do morro da Vigia que do morro do Cambri, vêem-se, á borda do mar, junto de um outeiro, as vastas construcções da armação de Itapocoroia.” (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 130).

Ao chegar, segundo ele, foi recebido pelo administrador da armação que estava à sua espera, isto é, a viagem tinha um caráter institucional e era importante para o reconhecimento do território. No momento em que o viajante francês passa pela enseada de Itapocoroia a pesca das baleias já estava em declínio. De acordo com Cabral (1987) a Armação de Itapocorói e a da Ilha da Graça foram arrematadas por Manoel Machado Sousa em 1835 antes que a ruína lhe consumisse.

O relato traz à tona questões pertinentes sobre esse período e a configuração da Armação de São João Batista. Para Rossato (2005, p. 11) “[...] os relatos de viagens, não podem ser tomadas como insuspeitos ou neutros, o que significa que devemos historicizá-los, uma vez que se inserem em uma época e uma cultura.”. Por isso, neste trabalho propôs-se uma análise historiográfica da fonte e dividiu-se em temáticas conforme os tópicos:

Condições da pesca a baleia

No relato o botânico apresenta como se dá a pesca da baleia. Segundo o autor, a pesca começava em junho e terminava em meados de agosto. Período que as baleias encontram-se na costa brasileira para a procriação. Um ponto fundamental levantado por Saint-Hilaire é a diminuição do número de baleias devido à pesca. Isso acontece porque é no momento da reprodução que esses cetáceos são mortos.

A pesca era realizada através de lanchas. De acordo com Saint-Hilaire (1936, p. 134) “As lanchas empregadas na pesca, pontudas nas duas extremidades, com fôrma de lançadeira; — eram velozes e tinham seis bancos para os remadores.”. Conforme discute o autor, seis dessas embarcações saíam para a caça, cada acompanhada de outra lancha chamada de “socorro”, pois era responsável por auxiliar as outras. Ele ainda afirma:

As lanchas pouco se afastavam da armação. Quando avistavam o jacto d'agua que a baleia lança ao respirar, aproximavam-se della, sem o menor ruido, e arremessavam-lhe o arpão. O cetaceo mergulhava; em seguida, puxavam-no pouco a pouco, traspassavam-no a golpes de lança e a lancha de socorro rebocava-o para a armação, onde o collocavam entre dois estrados, sobre os trapiches solidamente construidos defronte do estabelecimento (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 135).

Essas “lanchas”, como o autor chama, tratam-se de um tipo específico de embarcação utilizada para a caça as baleias. Conforme Pacheco (2009), esse modelo náutico possui influências dos botes açorianos e americanos. Já o conhecimento das técnicas de fabricação e uso na caça à baleia, provavelmente veio para as armações com os açorianos. Essas

embarcações são encontradas nas localidades onde os açorianos se assentaram ao longo do litoral do Estado, entre Laguna (Sul) e São Francisco do Sul (Norte).

O viajante francês apresenta dados relativos ao número de baleias abatidas para comprovar sua tese do declínio da pesca:

1748 a 1750 - 500 baleias abatidas somente na Armação da Piedade;

1777 - No ano de fundação da Armação do Itapocorói foram apanhadas 300 baleias;

1819 - Um ano antes de sua viagem, todas as seis armações juntas abateram 59 desses mamíferos.

Anos após a vinda do desbravador francês a Santa Catarina continuou a queda no número baleias abatidas nas armações. Conforme o discurso pronunciado na Assembleia Legislativa de Santa Catarina pelo presidente João Carlos Pardal, publicada no ano de 1838:

A pesca das Baleias, que em outro tempo tão produtivo foi, acha-se hoje mui reduzido; poucas vantagens promete, e essas mesmas contingentes, geralmente se atribue a raridade de peixe á perseguição, que lhe fazem os pescadores estrangeiros, nas proximidades da Costa, e até Armaçoens. (PARDAL, 1838, p. 16).

Principais estruturas presentes na Armação de Itapocorói relatadas pelo francês

A Casa Grande, a Capela e a residência do capelão

De acordo com Saint-Hilaire, a Casa Grande é situada em um morro com gramas e vista para o mar próxima a capela. Em frente para um pátio quadrado, os armazéns e os alojamentos dos negros. Por estar situada em um morro era um ponto de observação do restante das instalações da armação, tendo um caráter de vigilância. Segundo Comerlato (2012):

A casa-grande, também denominada Casa de Vivenda, era a residência do administrador da armação e família, mais os funcionários do Real Contrato da pesca da baleia. As proporções eram bastante variáveis e internamente alojavam várias dependências. As edificações eram feitas de pedra e cal, sobre pilares ou em plano elevado acompanhando o relevo do terreno, possuindo duas frentes (uma para o mar) e quintal murado. (COMERLATO, 2012, p. 107).

A capela localizada na armação é anterior a sua fundação. Silva (1959) aponta que a capela de Armação, dedicada a São João Batista, é das mais antigas de Santa Catarina. Sua construção data de 1759, ano em que, a 27 de abril, foi assinada a provisão do bispo do Rio de Janeiro autorizando a sua construção. Próximas a Capela e a Casa do Administrador se encontrava a residência do capelão. Saint-Hilaire (1936, p. 134) diz que no momento da

partida para o mar, “[...] o capellão vinha á praia abençoar as embarcações e davam-se propinas aos que as tripulavam.”.

O Alojamento dos empregados e o alojamento dos negros

O alojamento dos empregados era um espaço no qual os pescadores contratados pelo administrador da armação ficavam enquanto durava a pesca. Também chamado em outras armações de “companha dos baleeiros” ou “campanha”, Comerlato (2012, p. 108) discute que “Estas residências variavam no tamanho e tipo de construção, podiam ser de tijolos, pau a pique ou de adobe. A companha servia de moradia somente no período da pesca, ficando o resto do ano vazia, pois os pescadores voltavam à suas terras e atividade na lavoura.”.

Como o período de pesca costumava ser cerca de dois meses, eles poderiam permanecer no local com suas esposas, porém não cita se os filhos também os acompanhavam. “Nas ocasiões propicias elles ali se installavam com suas mulheres, encontrando um agradável refrigerante nas laranjas que havia em abundancia nos arredores do estabelecimento.” (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 133). Sobre as laranjeiras próximas ao alojamento dos empregados, Reis (2016) apresenta que:

De acordo com os arrolamentos de 1816, todas as armações, com exceção de Imbituba, possuíam roça própria. A produção visava inicialmente o abastecimento dos próprios núcleos, todavia a julgar pelos números das plantações, possivelmente vendia-se o excedente, caso de Itapocoróia que possuía cerca de 600 pés de laranja, avaliados em 192\$000, número alto em termos de autossuficiência. (REIS, 2016, p. 49).

O alojamento dos negros só é citado por Saint-Hilaire, sem apresentar uma descrição do local, como faz com os demais. Não há elementos, na fonte, para que se possa explicar como era o alojamento dos negros na Armação, nem como viviam. É possível perceber que há um silenciamento em relação à presença de negros escravizados na Armação de Itapocoróia. Nessa edição traduzida em 1936, não há menção de palavras como senzala, dando a entender que como alojamento seria um lugar de morada temporário dos escravizados, assim como os empregados. No entanto a edição de 1978, afirma que existe na Armação de Itapocoroia uma senzala. (SAINT-HILAIRE, 1978). Provavelmente neste período em que o desbravador visita a respectiva armação, o número de escravos deve ser muito baixo ou inexistente, visto que a armação já estava entrando em colapso não só no número de baleias, mas também de trabalhadores e escravos. A falta de mão-de-obra dentro desse empreendimento, segundo Ellis (1969) fez com que a Junta Real da Fazenda encaminhasse as armações velhos soldados do Regimento da terra, maltrapilhos e famintos para suprir essa demanda.

O Engenho de frigar, reservatórios, armazém e trapiche

Para Comerlato (2011) uma importante fonte de referência e que complementa as estruturas relatadas por Saint-Hilaire é a gravura do pintor francês Jean Batiste Debret de 1827. Visto que mostra a Armação de Itapocoróia com seus espaços: marítimo, produtivo mercantil e o de subsistência representado pela extensa área verde com costões e morros. Segundo ela:

No espaço marítimo identificamos duas baleeiras, cada uma rebocando uma baleia. Na linha da praia, no canto direito da gravura, a primeira edificação seria a casa dos dois tanques, tendo ao lado o engenho de frigar e atrás deste a casa dos sete tanques. No centro do núcleo baleeiro está a igreja com uma quadra aberta em que se encontra um cruzeiro. A edificação do lado esquerdo da gravura era provavelmente a companhia dos baleeiros. (COMERLATO, 2011, p. 481).

Localizado próximo ao alojamento estava, segundo Comerlato (2012) a principal edificação da armação. O engenho frigar era uma construção feita com pedras argamassadas e coberto por telhas. Tinha por finalidade a produção do azeite. Saint-Hilaire (1936) sobre o preparo do cetáceo:

Ali, vira-vam-no ele costas e extrahiam-lhe o toucinho em tiras que eram levadas para o engenho de frigar e onde, reduzidas a pedaços menores, eram postas a derreter nas caldeiras. Após sobrenadar por algum tempo, esses fragmentos precipitavam-se no fundo da caldeira, e, despreendida a gordura, retiravam-n'os, dali e passavam-n'os pela prensa, sendo os resíduos, ou torresmos, queimados nas fornalhas. O azeite era posto em pipas e remetido para o Rio de Janeiro. As barbas eram lançadas num tanque circular e, depois ele permanecerem algum tempo n'agua, extrahiam-se-lhes as laminas que as constituíam [...]. (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 135).

Segundo Santanna (2016) as barbatanas alcançavam alto valor comercial na Europa, onde eram industrializadas, virando espartilhos, usados pelas nobres damas da França, Portugal, Espanha, Itália e na fabricação de pentes, agulhas. Próximo ao Engenho de Frigar ficavam os reservatórios do óleo da baleia ou como chama Comerlato (2011) a casa dos sete tanques:

[...] na altura de 16 palmos (3m.52), em sete reservatórios para onde se escoava, por meio de calhas, o azeite retirado das caldeiras. Esses reservatorios eram solidamente construidos de tijolos e media cada um cerca de treze passos de comprimento, calculando-se que o conteúdo de um palmo (0m.22) de altura de azeite equivalia a 10 pipas. (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 134).

Os armazéns, conforme Saint-Hilaire (1936) ficavam localizados no pátio em frente a casa do administrador. A distribuição do óleo da baleia ao povo para a iluminação pública e em geral ficava no armazém (ELLIS, 1969). Outra construção importante era o trapiche. Ele era uma plataforma de pedra seca com sua base em terra. Serviam de base às peças (sarilhos, cabrestantes e bolinetes) destinadas a içar as baleias capturadas. Também existiram trapiches de madeira. Eram utilizados como atracadouro de embarcações, desembarcando pessoas e mercadorias de importação. (COMERLATO, 2012).

Castellucci Junior (2015) defende que nos mais de 250 anos de caça predatória à baleia, entre o período de monopólios e depois da sua abolição, a atividade ganhou relevância econômica. Os derivados da baleia se tornaram produtos de necessidade para a sobrevivência no Novo Mundo e foram responsáveis por dar grandes lucros aos empresários. Os produtos tinham diversos usos que iam desde a alimentação à construção de casas e prédios. O óleo abastecia as lamparinas que iluminavam as casas, os engenhos e as próprias armações durante as noites.

Homens livres e escravos

Na fabricação do azeite empregavam-se os escravos e na pesca trabalhavam os homens livres “[...] por inspirarem mais confiança.” (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 136). Os empregados eram pagos proporcionalmente ao número de baleias apanhadas. A justificativa dada pelo viajante não se sustenta somente pela afirmação de que não havia confiança nos escravos, na verdade, ter um escravo era muito caro e arrisca-lo na pesca seria pôr em risco um alto investimento. Acredita-se também que a maioria dos escravos da armação era do sexo masculino, pois Reis (2016, p. 29) afirma que no ano de 1816 “Entre os 333 escravos que formavam a força de trabalho dos cinco núcleos catarinenses, 95,8% eram do sexo masculino e apenas 4,2% do sexo feminino.”. Isso se deve ao fato de que o trabalho na armação exigir força física e ser perigoso, então era visto como essencialmente masculino. Conforme afirma Ellis (1973) a mais penosa cota de trabalho que coube aos escravos foi à manutenção do fogo na oficina das fornalhas.

Os homens livres que trabalhavam na pesca eram geralmente lavradores pobres “[...] eles, em vez de, terminada a pesca, voltarem a cultivar suas terras, economizando o dinheiro ganho, entregavam-se á indolencia e passavam o tempo a beber cachaça, a cantar e a tocar viola, até gastarem o ultimo vintem.”. (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 136). Saint-Hilaire (1936) continua: “Aliás, o dinheiro por elles ganho não ficava no lugar; terminada a pesca,

repousavam, descuidando-se de suas terras. Agora, porém, são forçados trabalhar na lavoura. (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 137)”. Nesse trecho é possível perceber que o autor defende uma lógica de trabalho capitalista, na qual os trabalhadores deveriam economizar e visar o lucro. Também é passada a ideia de que o pescador é indolente, estereótipo que se mantém até os dias atuais.

Saint-Hilaire (1936, p. 138) afirmou que: “Em 1811 a sua população era de 1.417 homens livres e 223 escravos. Crearam ali uma escola primaria e a sua igreja foi consagrada á Nossa Senhora da Penha.”. O botânico ainda continua: “[...] o facto de, em 1839, ter-se julgado esse lugar bastante povoado para elevá-lo á categoria de freguezia, com limites, ao norte, pelo Itapicú, e, ao sul, pelo rio Gravataá [...]”. (SAINT-HILAIRE, 1936, p. 138).

Considerações finais

O caráter de viajante/desbravador de Auguste de Saint-Hilaire proporcionou várias informações sobre a Armação Baleeira de Itapocoroy principalmente no século XIX em sua obra “Viagem á Província de Santa Catharina (1820)”. Em um contexto de conhecer as fronteiras brasileiras, a geografia do Brasil, o naturalista descreveu o relevo e a flora dessa localidade. Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil, a colônia se tornaria sede do Reino no início do século XIX. Assim, havia a necessidade de conhecer o seu vasto território e assegurar sua unidade política-administrativa, tendo em vista que a América Espanhola começara a se fragmentar em diversos países independentes. Conforme aponta Magnoli (2003), a unidade das colônias brasileiras representava a única alternativa capaz de assegurar uma continuidade dentro do processo de independência. Isto é, dependendo da legitimação da soberania territorial pelo Estado Imperial.

O que se analisou neste trabalho foram as informações sobre as estruturas sociais desenvolvidas naquela determinada armação. Obviamente existiam relações de poder e a organização da armação se dava de maneira hierarquizada. A partir dessa obra de Saint-Hilaire, percebeu-se que existiam três esferas (tipos de construções) distintas: a administrativa, a de caça e produção e a de moradia. A obra de Saint-Hilaire é uma importante fonte para os estudos sobre a pesca da baleia no litoral catarinense, principalmente sobre a Armação de Itapocoroia, que está relatada em poucas fontes do período, diferentemente da Armação da Piedade, que por ter sido a maior armação de Santa Catarina, apresenta um número considerável de fontes históricas.

Fontes:

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem á Província de Santa Catharina (1820)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. 251 p. Tradução de Carlos da Costa Pereira.

SAINT-HILLAIRE, Auguste. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1978 [1820].

PARDAL, João Carlos. **Discurso Pronunciado na Assembleia Legislativa**: Província de Santa Catharina. Desterro: Typhographia Provincial, 1838. 40 p. 1ª Sessão Ordinária da 2ª Legislatura de 1838.

Referências:

CABRAL, Oswaldo R.. **História de Santa Catarina**. 3. ed. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1987. 504 p.

CASTELLUCCI JUNIOR, Wellington. Histórias conectadas por mares revoltos: uma história da caça de baleias nos Estados Unidos e no Brasil (1750-1850). **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 88-118, 2015.

COMERLATO, Fabiana. Arqueologia e patrimônio nas armações baleeiras catarinenses. **Revista Tempos Acadêmicos**, Criciúma, n. 10, p. 101-115, 2012.

COMERLATO, Fabiana. As armações baleeiras na configuração da costa catarinense em tempos coloniais. **Tempos Históricos Eletrônica**, Cascavel, v. 15, p. 481-501, 2011.

ELLIS, Myriam. **A baleia no Brasil colonial**. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

ELLIS, Myriam. Escravos e assalariados na antiga pesca da baleia (Um capítulo esquecido da história do trabalho no Brasil Colonial). In: Eurípedes Simões de Paula. **Anais do VI Simpósio Nacional de Professores Universitários de História**: Trabalho livre, trabalho escravo. vol. 3. São Paulo: Brasil, 1973.

GONÇALVES, Gláucia Renate; MALLOY, Letícia. Uma visita à literatura de viagem de Auguste de Saint-Hilaire. **Colineares**, Natal, v. 1, n. 1, p. 103-106, jun. 2014.

LEAL, Letícia. **As narrativas geográficas de viagem de Saint-Hilaire sobre Minas Gerais no início do século XIX**. 2019. 111 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2019.

MAGNOLI, Demétrio. O Estado em busca do seu Território. **Terra Brasilis**, [S.L.], n. 4-5, p. 1-10, 1 jan. 2003.

NEVES, Gervásio Rodrigo; MARTINS, Liana Bach; RADTKE, Márcia Piva. **Mapa dos itinerários de Saint--Hilaire**: Viagem ao Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, 2007. 5 p.

PACHECO, Joel. **A canoa baleeira**: dos Açores e da Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Edição do Autor, 2009.

PADOAN, Lucas de Lima Fernandes. Explorando o desconhecido: as contribuições dos viajantes naturalistas para as ciências naturais no Brasil do século XVIII e XIX. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental - Reget**, Santa Maria, v. 19, n. 1, p. 194-201, jan./abr. 2015.

REIS, Felipe Augusto Werner dos. **“Decrépitos e quebrados”**: escravidão, enfermidades e relações de trabalho nas armações baleeiras catarinenses (1746-1816). 2016. 77 f. TCC

(Graduação) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

ROSSATO, Luciana. **A Lupa e o Diário**: História Natural, viagens científicas e relatos sobre a capitania de Santa Catarina (1763-1822). 2005. 273 f. Tese (Doutorado) - Doutorado em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

SANTANNA, Maria Aparecida Pamato. **Imbituba nas conjunturas do tempo**. Imbituba: Livropostal, 2016.

SILVA, José Ferreira da. Dois séculos memoráveis. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. 6, p. 101-105, jul. 1959. Tomo II.

SOUZA, João Pacheco de. **Armação baleeira de São Joaquim de Garopaba**: um olhar sobre a história de um patrimônio. 2016. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, Univille, Joinville, 2016.

BOITEUX, Lucas A.. **Itapocoroí**: Escôpo Histórico. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, n. 10, p. 181-184, set-out. 1958. Tomo I.